

Brasília, 23 de Fevereiro de 1993

De Ligia Simonian  
Coordenadora do Projeto Índios e Meio Ambiente

Ao Coordenador da Divisão de "Índios Isolados"  
FUNAI-Brasília DF  
Dr. Sydney Possuelo

Prezado Possuelo,

Fela presente gostaria de informar que estive na Reserva Biológica do Guaporé em Rondônia em dezembro p.p., realizando a última etapa do trabalho de campo do projeto Índios e Meio Ambiente".

Na oportunidade eu trabalhei na área dos rios São Miguel e Guaporé, tendo me adentrado no rio Branco, mas devido à presença de "colchas" intransponíveis, fui impossibilitada depois de muitas horas de viagem de voadeira a dar continuidade à viagem para as fazendas localizadas nas proximidades de Palhal e da A.I. Rio Branco.

Lamentavelmente eu só pude falar com o coordenador dos trabalhos na área, o indigenista Marcelo dos Santos, antes da ida para o campo e pelo telefone. Independentemente disto, ele gentilmente enviou Francisco Carlos Benigno, o Carlinhos, integrante da equipe da FUNAI na área, para me acompanhar nos trabalhos. Também contei com a presença de um barqueiro--o Bira--profundo conhecedor do rio Guaporé e seus afluentes, que contratei em Costa Marques.

Apesar de curto e do tempo chuvoso, o trabalho na área foi intenso. Além da população ribeirinha das proximidades, eu tive a oportunidade de entrevistar inúmeras pessoas ligadas à questão ambiental e indígena nas proximidades da área, em Costa Marques e, em Porto Velho.

Mas foi minha experiência na área que me surpreendeu e até chocou. Em primeiro lugar eu constatei que há mais de ano a equipe da FUNAI não se fazia presente na área. O funcionário que me acompanhou foi sistematicamente interpelado pelos moradores de Santo Antônio, de Porto Murtinho, e ao longo dos rios São Miguel e Guaporé, sobre as razões de tal ausência, sempre perguntando pelo Antenor e pelo "Paulão", a quem, juntamente com o Carlinhos e outros funcionários, viam com relativa frequência. O mesmo ocorreu com um grupo grande de Tupari que se encontrava em Costa Marques--a quem conheci na A.I. Rio Branco no ano anterior-- e, com quem tivemos a oportunidade de conversar longamente à respeito. Embora em anos anteriores os indícios sobre a presença indígena tenham sido sempre mencionados e/ou observados (ver os relatórios de viagem do A. Vaz), na oportunidade eu e o Carlinhos ouvimos de inúmeras pessoas que há muito tempo os Índios não têm dado sinal de vida. Ademais, eu saí da área com a sensação de que não existem mais Índios na área em questão, ou que no máximo existiria uma grupo muito menor do que o até aqui estimado.

O Carlinhos também me informou que os trabalhos a partir do acampamento da FUNAI estiveram bastante abandonados em 1993. Meses antes ele havia inclusive detalhado a deterioração das

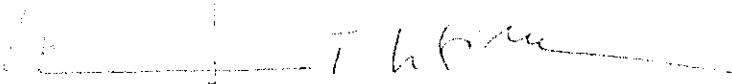
condições de trabalho da equipe da FUNAI na área para o médico Gradimir Djurovic, que esteve na REBIO e excursionou até a serra da Tartaruga. Por ocasião de meu retorno à Brasília eu contatei o Dr. Djurovic, que me confidenciou que teve uma sensação terrível, similar à que eu tive, ou seja, a de que já não há Índios na REBIO do Guaporé ou, se houver, seria um número muito reduzido. Se foram vítimas de massacre ou se pereceram em decorrência de epidemias, são questões a investigar. Ele, inclusive, fotografou o maior acampamento encontrado pela equipe chefiada pelo Antenor Vaz, o qual se apresenta no momento totalmente deteriorado. Seria importante ouvir o pessoal do campo, pois a partir do que me foi relatado pelo Carlinhos e pelo médico Djurovic, eu pude perceber que as condições de trabalho mudaram muito desde o começo de 1993.

Igualmente grave: tivemos várias informações de que não-Índios têm se adentrado na área para fazer prospecção de minérios e de madeiras. Um criador de gado de Costa Marques havia há poucos dias transferido seu gado de uma área no interior da terra firme da REBIO do Guaporé para a ilha Santo Antônio. As fazendas instaladas no rio Branco continuam intocáveis nas proximidades da A.I. Rio Branco e seringueiros da região estavam a se preparar para retomar o corte da seringa no rio São Miguel. A retirada de madeira para o lado de Alta Floresta do Oeste continua a ser feita de modo intenso. Outrossim, aviões de pequeno porte atravessam diariamente o espaço aéreo da reserva rumo à Bolívia, o que é feito numa altura bem baixa.

Embora não se tenha indícios materiais sobre um possível desaparecimento dos indígenas dessa área, mas ante a quase inexistência de trabalhos de fiscalização no último ano, sugiro uma investigação mais aprofundada e imediata *in locus*. Seria importante que tal investigação fosse feita por uma equipe multidisciplinar, a qual deveria incluir tanto o pessoal da área como de Brasília, neste caso desde que com larga experiência de campo.

Espero que esta carta seja lida não como uma nota pessimista/sensacionalista mas sim como um alerta para uma situação que pode ser gravíssima, e que, portanto, deve por prevenção ser prontamente investigada.

Sem mais para o momento, fico ao inteiro dispor para qualquer informação suplementar.

  
Ligia Simonian